

SARA CATE

Fica Comigo

Tradução de
Cláudia Aurélio

*Para a minha mãe – se leres esta história,
nunca, mas mesmo nunca, falaremos sobre isso.*

Aviso de conteúdo

Fica Comigo é um romance sexualmente explícito com cenas que envolvem práticas *kink* e de BDSM – incluindo exibicionismo, troca de parceiros, jogos de impacto e *bondage*. Nesta história, as personagens não usam preservativo. Como sempre, os meus livros são obras de ficção e têm como objetivo entreter, não devendo ser usados para fins educativos, mas, sim, como fonte de inspiração. Se tu, que estás a ler, e as pessoas com quem tens relações sexuais quiserem explorar práticas descritas em obras de ficção, por favor, informem-se primeiro. Façam tudo com segurança. E divirtam-se.

Esta história também aborda temas como negligência parental, traição (não entre as personagens principais), consumo excessivo de álcool, morte, perturbação de *stress* pós-traumático e agorafobia. Lê-a com cuidado.

Agradecimentos

Às vezes, aparece um casal cuja história nos rouba o coração. Killian e Sylvie terão para sempre um lugar especial no meu, e posso dizer com sinceridade que me diverti imenso a escrever este livro.

Se tentasse fazer tudo sozinha, o resultado seria um caos completo: uma história desorganizada, que não tivera edição nem seria publicada, com uma linha temporal confusa e personagens cuja cor dos olhos estaria constantemente a mudar. Por isso, tenho de agradecer a muitas pessoas por tornarem este livro naquilo que é agora.

Agradeço à minha editora, Rachel Gilmer, à minha guru do *marketing*, Alyssa Garcia, e ao resto da equipa da Sourcebooks Casablanca. Obrigada por me deixarem, ou melhor, por *me encorajarem*, a ser quem sou.

À minha agente, Savannah Greenwell. Nunca te vais livrar de mim.

À minha assistente e rainha do Excel, Lori Alexander.

À minha maior apoiante e, de uma forma geral, voz da razão, Amanda Anderson.

Aos meus leitores *beta*, Jill e Adrian. O vosso inesgotável apoio (e *emojis*) significa tudo para mim.

Às minhas novas amigas escocesas, Rebecca e Ashleigh. Adorei as nossas conversas sobre *kilts*, *stovies** e *Hogmanay***. Obrigada por trazerem um pouco da Escócia até mim.

À minha família: ao Jeremy, aos meus filhos, à minha mãe e à Misty. Amo-vos a todos.

* Prato popular escocês à base de batata, sobras de carne assada e de molho de carne. (*N. de T.*)

** Palavra escocesa que designa o último dia do ano, sendo sinónimo de Ano Novo. (*N. de T.*)

Por último, agradeço a cada um dos meus leitores que continuam a arranjar espaço nos seus Kindles e prateleiras para mais uma obra picante da Sara Cate. Que me aturam quando, às vezes, os faço chorar, gritar ou... vocês sabem. Obrigada por estarem aqui e por ficarem comigo.

Com muito amor,
Sara

PRIMEIRA PARTE

SYLVIE

Capítulo 1

«Chegou ao seu destino», anuncia o GPS.

– É aquela, à esquerda – informa-me Aaron, desviando o olhar do mapa no telemóvel para a grande mansão de tijolo na colina.

– Aquela? – pergunto, incrédula.

– Mansão Barclay. Sim, é aquela – diz, olhando pela janela do carro, com a chuva intensa a bater no vidro.

– Aaron, disseste que a tua família tinha uma *casa* na Escócia. *Aquilo* é um castelo.

– Tecnicamente, é uma mansão.

– Semântica – respondo, admirando com grande espanto, através do para-brisas, o enorme edifício de pedra cinzenta que, qual mau preságio, paira sobre nós. Aaron encosta o carro na berma da estrada. Viro-me para ele, confusa. – O que é que estás a fazer? Vai até lá.

– Não posso – argumenta. – Aquele sinal diz «Propriedade privada». Fico boquiaberta.

– E então? Não é como se alguém vivesse *mesmo* ali.

– É mesmo isso que *propriedade privada* significa, Sylvie.

– Mas viemos de tão longe!

– E depois? Digo-lhes o quê? Não me vão deixar entrar só porque o meu trisavô esteve aqui uma vez no verão e escreveu o seu livro na máquina de escrever da casa.

– É *exatamente* isso que vais dizer. Estas fotografias provam que a máquina de escrever continua a existir. Fizemos este caminho todo até à porra da Escócia para a ver e agora estás a dizer-me que vamos voltar para trás por causa de um sinal insignificante?

Aaron vira-se para mim com um olhar condescendente.

– Não fales assim comigo, Sylvie. Não é por ter medo.

Reviro os olhos.

– Então, pelo menos, vamos até lá.

Aaron solta um suspiro irritado.

– Está bem. Queres ser presa num país estrangeiro? Vamos lá.

Aaron é tão dramático. Não digo uma única palavra enquanto faz o carro subir pela longa estrada de gravilha, atravessando um portão aberto ladeado por duas estruturas altas de tijolo. Na estrutura da direita, é possível ler «MANSÃO BARCLAY 1837» e, na da esquerda, está o sinal com a indicação «PROPRIEDADE PRIVADA».

O caminho de acesso é longo, mas não se vê valmalma. Em ambos os lados, erguem-se densas árvores e, a julgar pelo mapa no telemóvel de Aaron, há um curso de água não muito longe, do outro lado da mansão. Enquanto subimos a colina em direção à casa, a chuva continua a cair sem cessar. Tem chovido todos os dias desde que aqui chegámos, na semana passada. Não é que Nova Iorque seja uma cidade soalheira, mas, pelo menos, é melhor do que aqui.

– Vês? Não está cá ninguém – digo, enquanto nos aproximamos da casa. Aaron abranda o carro, claramente nervoso. – Dá a volta pelas traseiras.

Ele vira, de súbito, a cabeça na minha direção.

– Hã? Porquê?

– Porque deve ser mais fácil entrar pelas traseiras.

– Entrar? Não, não, não – vocifera Aaron, fazendo o carro rodar a alta velocidade como se estivesse a fazer uma inversão de marcha ilegal numa estrada estreita.

– Aaron, podes acalmar-te? Não vive aqui ninguém. Não há um único carro. Eu e os meus amigos estávamos sempre a entrar à socapa na escola quando éramos miúdos e tinha muito mais segurança do que este sítio.

– Vais simplesmente entrar numa mansão com quase duzentos anos como se estivesses em casa? Estás doida, Sylvie?

– Se alguém nos vir, fingimos que não falamos inglês, que somos turistas.

Quando se torna óbvio que não será possível fazer inversão de marcha, Aaron avança um pouco mais até parar o carro, onde o caminho

serpenteia à volta do edifício. Com os nós dos dedos brancos de agarrar o volante com tanta força, conduz até às traseiras.

– Olha ali! – aponto, do lugar do passageiro. – Há uma porta daquele lado.

– Pois há. E provavelmente está trancada – responde, abrandando o carro até parar.

Nesse preciso momento, a porta abre-se. Eu e Aaron damos um grito sufocado de surpresa e baixamo-nos ao ver uma mulher sair. Tem uma minissaia preta e uma blusa branca acetinada a que faltam alguns botões.

Mal coloca um pé fora da casa, apercebe-se de que está a chover e, em vez de ir buscar um guarda-chuva, cobre-se com o casaco preto e olha em volta do pátio, como se procurasse algo.

Depois, com os sapatos nas pontas dos dedos, em vez de calçados, corre à chuva pela lama na *nossa* direção.

– Mas que raio? – murmura Aaron.

A mulher para junto da porta do condutor e espera enquanto Aaron baixa pouco a pouco o vidro, apenas alguns centímetros.

– Vem buscar-me? – pergunta ela, com um carregado sotaque escocês.

A maquilhagem preta escorre-lhe pela cara e o batom está esborratado. Se tivesse de adivinhar, diria que esta mulher está a fazer a chamada «caminhada da vergonha».

– Hem... não – gagueja Aaron.

Ela ergue a cabeça e olha para o caminho por onde acabámos de entrar.

– Oh! – pipila, e depois começa a correr na lama para outro carro, que se arrasta vagarosamente em direção à casa.

Aaron volta a fechar a janela e vira-se de imediato para mim, espantado.

– Já podemos ir embora?

– O quê? – pergunto. – Não. A porta está escancarada!

Os olhos de Aaron arregalam-se ainda mais.

– É a casa de alguém, Sylvie! Não acabaste de ver uma mulher a sair de lá?

– Melhor ainda – respondo, enquanto desaperto o cinto de segurança. – Posso dizer que sou amiga dela, se alguém me vir. Não vim até aqui para nada, Aaron. Eu vou entrar na porra daquela casa.

– És completamente alucinada – resmungo, virando-se para a frente e ficando a olhar em choque para o vazio. – Bem me avisaram de que eras uma doida varrida, mas achei que era só por seres divertida e imprevisível. Não por seres uma delinquente.

– Espera lá, mas quem é que disse que eu era doida varrida? Deixa. Não é importante.

Não é importante, de todo. Consigo pensar de imediato em meia dúzia de pessoas que seriam capazes de dizer uma coisa destas ao meu namorado. A malta com que nos damos acha que «diversão» e «entretenimento» é deitar abaixo as outras pessoas e dizer mal dos outros, como se eles fossem muito melhores do que toda a gente.

Percebi que, se não os podes vencer, junta-te a eles. Dizem que sou irracional. Pois bem, então vou mostrar-lhes o que é ser-se mesmo irracional.

Com isto em mente, sorrio para Aaron, tiro de rompante o telemóvel da consola central do carro e enfio-o no bolso, puxando, de seguida, o capuz do meu impermeável.

– Volto já – digo, enquanto abro a porta do carro e me atiro para o temporal.

– Sylvie! – chama Aaron, mas deixo de o ouvir ao bater com a porta do carro e corro a toda a velocidade para a porta por onde acabámos de ver a rapariga sair.

Há um momento, algures entre sair do carro e chegar à porta, em que me apercebo do quão má ideia isto é. Vou entrar na casa de outra pessoa sem ser convidada. É verdade que poderia bater à porta e pedir educadamente para ver a biblioteca, mas onde é que está a piada nisso?

É agora que a adrenalina entra em ação. É excitante. Uma mistura de medo, antecipação e expectativa invade-me quando coloco a mão na maçaneta da porta, sem ter a mínima ideia do que encontrarei do outro lado.

É uma porta velha de madeira, com uma maçaneta antiga de cobre. A tinta verde-floresta está lascada nos cantos e a maçaneta range quando a giro. Como seria de esperar, a porta abre-se sem dificuldade.

Ao entrar, encosto a porta, deixando apenas uma pequena fresta. É este o meu plano, caso precise de fugir rapidamente se estes escoceses forem o tipo de proprietários que gosta de atirar machados aos intrusos ou de ter grandes cães de caça a proteger a casa.

Merda! Cães. Não tinha pensado nessa possibilidade.

Do sítio onde me encontro, a casa parece-me tranquila. Estou num grande *hall* de entrada, embora, tecnicamente, esteja nas traseiras da casa. Por isso, talvez seja antes um «*hall* de saída»?

O chão é todo de madeira maciça e as paredes são pintadas. A casa parece ter sido renovada há pouco tempo, não tendo a decoração obsoleta e antiquada que esperava. Tem um cheiro agradável, como se estivessem a queimar incenso ou alguém tivesse posto água-de-colónia de homem ali perto.

À minha frente, há um longo corredor e avanço pé ante pé, à escuta de pessoas ou vozes. Tiro o telemóvel do bolso de trás das calças e abro a aplicação da câmara para ter tudo a postos. Quando tiver uma fotografia da máquina de escrever, Aaron vai engolir as suas palavras. Um dia, tudo isto não passará de uma história engraçada.

As portas de ambos os lados do longo corredor estão fechadas e nenhuma parece ser o tipo de porta que daria acesso a uma grande biblioteca como a da fotografia em que vimos a máquina de escrever. Por isso, continuo a andar devagar, com os ouvidos alerta.

Quando chego ao fim do corredor, deparo com uma entrada gigantesca onde uma grande escadaria conduz ao segundo e terceiro andares. O teto nesta parte da casa é altíssimo, e fico estupefacta ao olhar para cima. Nunca tinha visto nada assim.

Se não fosse pelo cheiro quente de especiarias e almíscar, diria que não vive aqui ninguém.

O telemóvel vibra-me na mão, desviando a minha atenção do teto e da grande escadaria.

Olho para baixo e vejo que recebi uma mensagem de Aaron.

Sylvie, sai daí. Agora, porra.